

CRESCIMENTO ATROPELA

Problemas como poluição, violência e mendicância vão ocupando cada vez mais espaço em bairros antes conhecidos apenas por suas virtudes. Entre os moradores, porém, há divergências: há quem não considere esse preço alto

Fabiana Oliveira

Ela não se parece em nada com a vila fundada em 1551, que se expandiu nas primeiras quatro décadas deste século em direção a Santo Antônio e região norte, fazendo surgir bairros como Jucutuquara, Praia do Suá e Praia do Canto. Os dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que de 1960 até 1991, a população de Vitória pulou de 83.351 para 258.245 habitantes e apresenta hoje uma taxa de crescimento anual de 2%.

Em meio ao crescimento, quase sempre desordenado, da cidade e ao progresso, resistem apenas alguns casarões antigos e comunidades que insistem em preservar bairros antigos e tradicionais da cidade contra os efeitos negativos do desenvolvimento.

Bairros como Santo Antônio, Jucutuquara, Praia do Suá, Praia do Canto e Parque Moscoso tiveram seu perfil modificado pela ação do progresso. Muitos reclamam dessa mudança e afirmam preferir tudo como era antes. Outros

optam pela harmonia entre progresso e qualidade de vida nos bairros.

Problemas como a violência, a prostituição e a especulação imobiliária hoje são rotina nesses locais. Em Santo Antônio e Parque Moscoso, os moradores reclamam da violência. Em Jucutuquara, a preocupação refere-se ao crescimento da mendicância.

Já na Praia do Canto, a comunidade se resente com a especulação imobiliária enquanto na Praia do Suá, pescadores se queixam da poluição das águas e os moradores, da descaracterização do bairro, antes residencial e hoje, "infestado" de comércio, bares e restaurantes.

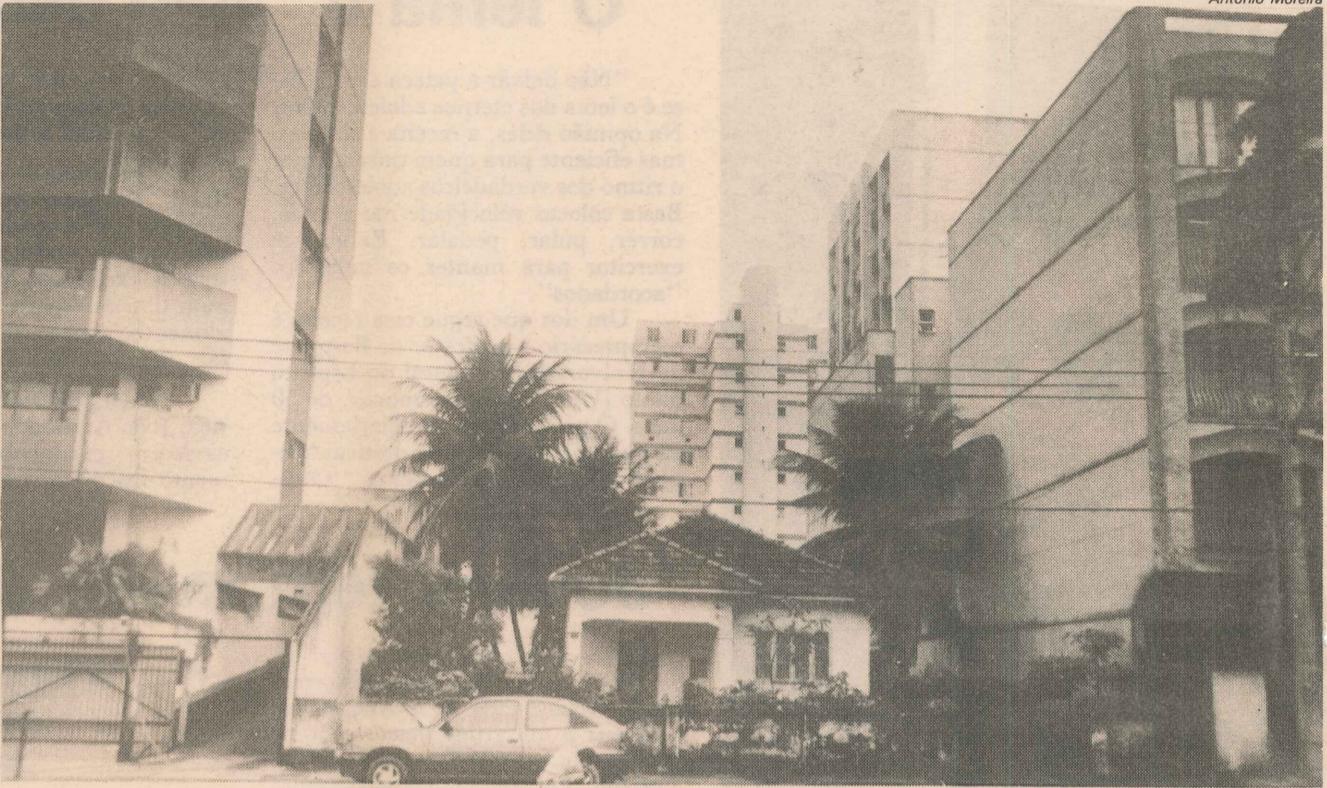
A surpresa fica por conta de bairros como Fradinhos, que conseguem ser "tranquilos demais", segundo seus moradores, frente ao progresso da capital. Para a comunidade de Fradinhos, o local é uma autêntica "roça" dentro da cidade.

"Asfalto, comércio e progresso aqui?", perguntam os moradores. A resposta vem da artesã Eni Guedes da Silveira Lira, de 32 anos. "Não é necessário. Aqui é o melhor bairro onde já morei".

Os bairros em números:

Bairros	Homens	Mulheres	Total
Fradinhos	663	816	1.479
Jucutuquara	1.414	1.729	3.143
P. Moscoso	1.469	1.888	3.357
P. do Canto	5.983	7.665	13.648
P. do Suá	1.887	2.299	4.186
Sto. Antônio	3.982	4.526	8.508

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados referentes ao censo realizado em 1991



Na Praia do Canto restam cada vez menos casas em meio a um cenário dominado pelos edifícios

Poluição assusta Jucutuquara

O bairro Jucutuquara, originado na década de 40 deste século é tido como um dos mais tradicionais de Vitória. O progresso e o crescimento desordenado da cidade "presentearam" o bairro com mendigos e poluição, a ponto de a Igreja de São Sebastião necessitar de grades para isolar sua fachada, que já havia virado "reduto" de mendicância.

Na avenida Paulino Müller, a principal via do bairro, os moradores reclamam da poluição e velocidade alta dos carros. A avenida é hoje corredor de acesso à região norte de Vitória. Para alguns moradores, no entanto, a pior consequência do progresso foi isolar as pessoas. "Hoje não há união entre nós. Todos se afastaram e acabamos isolados no nosso próprio bairro", reclama o diretor da Associação de Moradores, Devaldo Batista, 38 anos.

O secretário-geral da Comunidade

de da Nação Jucutuquara, Lírio Zani, 54 anos, diz que o crescimento da cidade tirou o sossego da população local. "Hoje as casas são prisões e as grades das janelas tentam impressionar na busca da segurança", disse. Lírio mora há apenas seis anos no bairro, mas conhece bem a realidade do local, depois de trabalhar 30 anos na Escola Técnica Federal (ETFES).

Mesmo com as mudanças trazidas pelo progresso, em Jucutuquara, ainda há casas "germinadas" (construções ligadas umas às outras) e "boitequins" tão tradicionais quanto o bairro.

Um deles é o Bar Ceará, de propriedade do "seu" Lourival Nepomuceno da Silva, 54 anos. É nesse bar que os moradores jogam dominó nos finais de tarde. Para o "seu" Lourival, residente em Jucutuquara há 32 anos, o progresso foi benéfico em todos os sentidos.

Santo Antônio: violência

Um dos bairros mais antigos de Vitória, que tem origens na época da invasão dos portugueses, Santo Antônio convive atualmente com problemas que vão desde o transporte coletivo até a violência, "importada" dos morros vizinhos.

Santo Antônio possui hoje 11 linhas de ônibus que trafegam por suas ruas, sem parar em pontos finais. Com isso, os veículos chegam ao bairro sempre lotados, vindos de outros locais, como São Pedro, Grande Vitória e Bela Vista.

Transformadas em corredor viário para diversas regiões da cidade, as ruas de curvas estreitas do bairro tornaram-se perigosas, devido ao grande número de ônibus que circulam no local.

A coordenadora do Movimento Comunitário de Santo Antônio, Fátima Santos, aponta também a violência como consequência negativa direta do crescimento desordenado da região. "Antes as pessoas botavam as

cadeiras à noite nas calçadas para conversar. Hoje as casas são gradeadas e invariavelmente vigiadas por cães", disse.

Para tentar solucionar o problema da violência está sendo criado o primeiro DPM do bairro. Há duas semanas a comunidade conseguiu autorização da Secretaria de Estado da Educação, para construir o posto policial em terreno que lhe pertence. Os gastos com a construção do posto ficarão a cargo da Prefeitura de Vitória e dos próprios comerciantes do bairro.

Na opinião de Fátima Santos, é difícil conciliar o crescimento da cidade com a qualidade de vida dos bairros antigos. "A dificuldade reside no fato de o desenvolvimento não ser planejado e de haver desigualdade social. Isso acaba fazendo com que pessoas que não encontram emprego na cidade invadam os morros, chegando até a roubar, aumentando o índice de violência", explicou.

Na Praia do Canto, "Boca Maldita" é o termômetro

"Boca Maldita". Este é o nome do trecho próximo ao número 580, na rua Aleixo Neto, Praia do Canto, onde cerca de vinte moradores ou ex-moradores se reúnem diariamente. Na "Boca Maldita", fala-se sobre tudo, desde mulheres e política até a situação financeira do País e as mudanças provocadas pelo progresso.

Um dos que mais reclamam dessas mudanças é o electricista Viriato Silveira, 52 anos, nascido em um casarão da rua, hoje transformado em ponto comercial. Silveira diz que a especulação imobiliária expulsou os moradores antigos da Praia do Canto, que acabaram vendendo seus imóveis e se mudando para outros bairros. Tudo em nome do crescimento e do progresso.

"Quem sai daqui não volta, só se ganhar na loteria", disse, referindo aos preços dos apartamentos à venda no bairro. Um apartamento com suíte, sala, copa, cozinha, dependência completa de empregada e garagem não sai por menos de US\$ 20 mil (Cr\$ 98,4 milhões). Um apartamento de frente para o mar é oferecido nos classificados dos jornais por Cr\$ 700 milhões.

Na opinião de Viriato Silveira, o progresso e a tradição são incompatíveis, pelo menos no Brasil. "O país não tem memória, não se preocupa com o antigo. Por isso não o valoriza", disse. Silveira diz que os encontros diários na "Boca Maldita" tentam reviver os tempos antigos. Segundo ele, melhores que os atuais.

Mas há quem consiga conviver bem com o progresso. É o caso do fiscal de renda aposentado José Maria Motta, 69 anos, há mais de 50 anos morador da Praia do Canto. "Hoje eu tenho tudo de que necessito aqui. Não preciso ir ao centro da cidade para comprar nada no comércio", disse.

Quanto ao problema da especulação imobiliária, Motta responde com uma pergunta: "Se lhe oferecessem uma boa oferta pela venda de sua casa você iria recusar?"

Antonio Moreira

TRANQUILIDADE

Antonio Moreira/arquivo



Os principais problemas dos bairros são a prostituição e os pequenos furtos praticados por menores

Moradora não deixa Parque Moscoso

Ela mora no Parque Moscoso há 50 anos e é considerada "mãe" dos bombeiros, cuja sede ficava em frente à sua casa, na rua Bernardino Monteiro, número 110. Renah Zeny Cavalcanti, 72 anos, diz que o progresso mudou muito a vida do bairro. "Os vizinhos reclamam da violência e dos pivetes, mas eu não saio daqui por nada. Mesmo com o progresso, o Parque Moscoso é um ótimo bairro para se morar", disse.

Hoje os principais problemas do Parque Moscoso são os pequenos furtos e assaltos, além da prostituição. O tenente Pedro Paulo da Silva, 30 anos, responsável pe-

lo policiamento diurno do centro, diz que o arrastão promovido por menores de rua para roubar ou fazer pequenos furtos como de colar, relógio, óculos e outros objetos, é freqüente no bairro.

A prostituição também é motivo de queixa. De acordo com Silva, as prostitutas se tornam motivo para a difamação do bairro, considerado um dos mais tradicionais de Vitória e que concentrava, há décadas, o comércio de luxo, além de bons restaurantes, bares e hotéis.

O policiamento do bairro é realizado no período de 6h30 às 19h por 20 homens, que são auxi-

liados pelas três rádio-patrolhas que circulam no centro. À noite, o Parque Moscoso fica vulnerável. No módulo da PM da Praça Misael Pena, apenas três policiais permanecem durante a madrugada. "Nosso efetivo é reduzido", justifica o tenente Silva.

A praça Misael Pena, a poucos metros da agitação do centro, durante o dia pode ser cenário até para romance. O casal de comerciantes Romildo Almeida, 26 anos, e Adriana Silva Messa, 20 anos, aproveitou o horário de almoço da última quinta-feira para namorar na praça. "Aqui é tranquilo", disse Almeida.

Peixes desaparecem da Praia do Suá

Antonio Moreira

"Os pescadores pescam até lata de cerveja". É assim que o pescador aposentado Ayres Fernandes Cristelo, 49 anos, ilustra os problemas trazidos pela poluição e pelo progresso aos tradicionais pescadores da Praia do Suá. Cristelo diz que os colegas reclamam da escassez do peixe e dos crustáceos, principalmente do camarão.

A construção do aterro da Praia do Suá, em função da expansão do bairro, também atrapalhou os trabalhadores, que vendem seu peixe ao consumidor sem intermediários, na Colônia dos Pescadores. Com a mudança do porto para Praia Rasa, os pescadores tiveram de se acostumar a percorrer distância maior no trajeto entre porto e colônia.

Na Praia do Suá, a atividade pesqueira não foi a única prejudicada com o crescimento do bairro. A coordenadora

da Feira de Artesanato do local, Maria Leonor Pereira da Silva, 56 anos, diz que o bairro perdeu sua característica residencial. "O comércio hoje é muito forte aqui e chama a violência. Eu não me aventuro pelo bairro depois das dez da noite", disse.

Para Leonor, até o relacionamento entre morador e pescadores está escasseando, junto com o sumiço do peixe. "Antes, quando o vento sul chegava a Vitória, íamos para a beira da praia esperar os pescadores. Todos nós os conhecíamos. Hoje ninguém conhece ninguém", disse. Leonor mora no Suá há exatos 56 anos.

A Praia do Suá foi um dos primeiros bairros surgidos em Vitória, no início deste século. Atualmente moram no local 4.186 pessoas. A população feminina predomina, com 2.299 mulheres.



Maria Leonor: vento Sul levava todo mundo à beira da praia

Fradinhos mantém "cara" de interior

Ruas calçadas, sobrados e verde por todo lado. Assim pode ser descrito um bairro com jeito de cidade de interior, que fica próximo ao movimento e ao barulho de Vitória, mas não faz parte dele. Fradinhos, para alguns moradores, chega a ser "tranquilo demais", mas é o refúgio preferido para quem prefere silêncio e calma.

Uma "roça" dentro da cidade. É assim que a artesã Eni Guêdes da Silveira Lira, 32 anos, define Fradinhos. "À noite, eu escuto barulho de boi andando pela rua, vindo de uma fazenda que existe nas redondezas", disse. Eni, que mora no bairro há cerca de dois anos, conta que Fradinhos é o melhor local onde já viveu.

O aposentado Jorge Pires Barreiro, 56 anos, um dos primeiros moradores do bairro, gosta de Fradinhos, mas diz que o local 'parou no tempo'. "Padaria, açougue e farmácia só existem na entrada do bairro, bem próximo a Jucutuquara", reclamou. Barreiro mora perto do ponto final do ônibus que faz a linha para Fradinhos.

A dona de casa Maria Dan, 35 anos, residente no bairro há cinco anos, discorda de Jorge Barreiro. "O bairro é essencialmente residencial e quem veio para cá sabia disso. Eu me acostumei e hoje estoco alimentos e até faço pão em casa", disse. Para Maria, Fradinhos está resguardado da "ação nociva" do progresso. "As crianças são tranquilas, os vizinhos se conhecem e existe espírito de cooperação", disse.

O espírito de cooperação entre a comunidade está presente no episódio da construção do posto policial. Os moradores fizeram uma "vaquinha" para pagar as despesas com a construção do posto, há cerca de um ano e meio. "Hoje a gente não tem mais problemas de assalto", disse Maria Dan.

A tranquilidade excessiva do bairro chega a ser, em certos momentos, motivo de preocupação para quem sempre viveu em meio ao barulho. "Às vezes o silêncio me assusta", acrescentou Maria Dan.

Plano Diretor Urbano tenta evitar abusos

O Plano Diretor Urbano de Vitória (PDU), vigente desde 1984, tem, entre outras, a meta de proteger as zonas residenciais do município. Nesses locais, são permitidas apenas atividades comerciais essenciais, como padarias, açougues e farmácias. O PDU ordena o desenvolvimento, distribuindo os diferentes ramos de atividade no espaço e as formas de ocupação das áreas.

Um dos artifícios utilizados para proteger as áreas residenciais é o limite para a construção de prédios de apartamentos nos diferentes bairros. Em Fradinhos, por exemplo, é proibida a construção de prédios nas encostas e na área plana, o limite é de quatro pavimentos.

Na Praia do Canto, o número máximo de pavimentos permitido é de 12 andares por prédio. Na Praia do Suá, vale a determinação de quatro pavimentos por edifício residencial. Em Jucutuquara, as áreas destinadas ao comércio, depósitos e indústrias convivem com conjuntos residenciais dos anos 30, com sobrados construídos em terrenos que possuem em média 65 metros quadrados.

Mesmo assim, na prática há algumas "acomodações". Em bairros residenciais, estão em atividade atualmente diversas firmas pequenas, principalmente representações comerciais e escritórios de profissionais liberais. Esses micro e pequenos empresários geralmente optam pelas áreas residenciais para fugir dos preços altos da zona comercial.

Casos como o das "acomodações" estão sendo avaliados pelos técnicos do Departamento de Planejamento Urbano da Secretaria de Planejamento nas discussões sobre a revisão do PDU. A diretora do setor, Maria de Lourdes da Silva Oliveira, informou que as propostas de revisão do PDU serão encaminhadas ao Conselho do Plano Diretor. Esse encaminhamento, no entanto, não tem data para acontecer.